

Amimatográfico

N.º 61 (3.ª SÉRIE) — LISBOA, 6 DE JANEIRO DE 1942 — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — PUBLICA-SE ÀS TERÇAS-FEIRAS — PREÇO: 50 CTVS

O caso do dia

"Lobos da Serra" estreia-se no Tivoli... ...mas só depois do Carnaval

Razão tínhamos nós, quando considerávamos de mau prenúncio o silêncio feito em redor da estreia do novo filme de Jorge Brum do Canto, «Lobos da Serra». Concluído, ao cabo de um ano de esforços e de contrariedades, tem agora que esperar um grande bocado, para deixar passar à frente uma data de programazinhos estrangeiros, que já tinham marcado vez nos cinemas de estreia.

A sua apresentação já está, contudo, assegurada. «Lobos da Serra» estreia-se no Tivoli — depois do Carnaval. Mas a coisa não foi lá sem dificuldades, sem reticências, sem ser preciso recorrer a influências amigas, ao jôgo de boas vontades.

E, apesar de tôdas as influências e amadures — só depois do Carnaval...

Ora o filme está pronto. E sabemos que há, como é natural, a maior pressa em lançá-lo no mercado.

Mas não se descobriu ainda a forma — que seria bem fácil, afinal — de dar à produção portuguesa a opção, a que tem direito, sobre a produção estrangeira. Se se faz uma campanha oficial a favor dos «produtos nacionais», aconselhando o público a preferi-los; se se protegem os artigos fabricados pela nossa indústria, chegando a proibir-se a importação dos artigos que com eles concorrem (chapéus, produtos de beleza, etc.) — porque se usa de um critério infinitamente mais generoso para com os concorrentes dos filmes nacionais?

Não se conclua precipitadamente que pretendemos que se proibam os

filmes estrangeiros. Só por má-fé ou analfabetismo se poderia tirar do que afirmamos semelhante conclusão. Pretendemos, sim, que se dê aos portugueses que trabalham a favor do cinema português, alguns direitos de prioridade sobre os que se limitam a aproveitar o dinheiro português, explorando filmes que interessam bem mais a economias estranhas que à nossa própria economia.

As leis da hospitalidade, mesmo quando aplicadas pelo povo mais hospitaleiro do mundo, têm limites. A nossa desenfreada xenofilia, a nossa atitude facilmente accecável perante as maravilhas da estranha, a nossa expressão perenemente boquiaberta perante o que vem ou dimana lá de fora, só poderia ser-nos útil, pela nossa ânsia de cultura universalista, se daí não resultasse um muito considerável esquecimento das nossas próprias coisas, que passam com excessiva facilidade para o sótão das coisas desprezíveis ou inúteis.

E porque sabemos que o público dos cinemas não tem esse desprezo pelos nossos filmes (e prova-o sempre que se lhe oferece a ocasião de ir aplaudi-los) julgamos não ser exigir muito reclamar um pouco mais de consideração pela produção portuguesa por parte dos distribuidores e exibidores de filmes estrangeiros, facilitando-lhes o caminho e dando-lhes a preferência a que têm jus na sua própria pátria.

E se a não quiserem ter espontaneamente, será indispensável impô-la — seja como for.

A Rádio fornece o Cinema

Depois de MARIA DA GRAÇA, que vamos ver no «Pátio das Cantigas»

Milú e Fernando Ribeiro

Serão os protagonistas de «O Costa do Castelo»

LUIZ DE CAMPOS protagonista de «Feição do Império» desempenha um dos papeis do filme

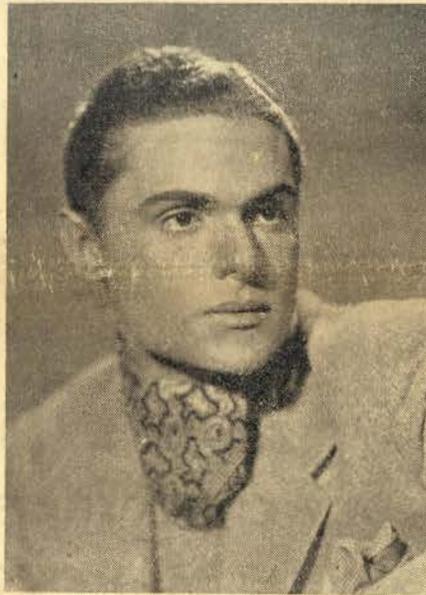
Se mais fôsse preciso para a demonstração de que o Cinema Português entrou numa fase decisiva, de marcha segura e cuidada, a maneira como se está a fazer o recrutamento dos novos intérpretes, para as produções nacionais, era uma das provas de valor.

O nosso Cinema, sentindo crescer as responsabilidades e possibilidades, não só melhora a organização industrial e a qualidade técnica dos seus filmes, como vai ao encontro de novas fontes para descobrir os actores de que precisa.

O Teatro tem dado a sua contribuição valiosa. E, depois do Teatro, começam, agora, os artistas da Rádio a ser convenientemente aproveitados, uma vez que, graças especialmente à acção da Emissora Nacional, a Rádio portuguesa já tem

A sua segurança perante o microfone depois dumhas fartas dezenas de exibições deu-lhe uma intimidade, digamos assim, com o «ouvindo» exigente da T. S. F., intimidade de que Milú com certeza muito vai aproveitar nas suas tarefas do estúdio, onde alguns dos problemas mais ingratos, não só para os técnicos como também para os artistas são levantados, exac-

Fernando Ribeiro vão com certeza dar valiosa contribuição ao Cinema Nacional com as suas interpretações em «O Costa do Castelo» um a continuar uma carreira das que mais interessa à nossa indústria de filmes, os outros apresentando-se para ocupar vagas importantes dentro dos quadros do Cinema Português em marcha.



Os primeiros retratos oficiais de Fernando Ribeiro e de Milú

A FICHA TÉCNICA DO FILME

"O Pátio das Cantigas"

Damos hoje a ficha técnica completa do próximo filme português da Prod. A. L. R., cuja estreia se anuncia para o próximo dia 16, no Eden:

Título: O PÁTIO DAS CANTIGAS.
Director de produção: António Lopes Ribeiro.

Realizador: Francisco Ribeiro.
Argumento e diálogos: António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Francisco Ribeiro.

Música portuguesa de Frederico de Freitas.

Uma canção mezoiana de Carlos Flores.
Uma canção russa de Elisier Kamensky e **Três sambas originais** brasileiros.

Director da orquestra: Frederico de Freitas.

Assistente musical: Jaime Silva, Filho.
Cenários de Roberto Araújo, com a colaboração de Américo Leite Rosa e Silvino Vieira.

Operador de imagem: César de Sá.
Assistentes de operador: Perdigão Queiroga e João Silva.

Operador de som: Sousa Santos.
Assistente de som: Mário Malveira.
Montagem de Vieira de Sousa.

Chefe dos serviços de cena: Carlos Ribeiro.

Chefe dos serviços de estúdio e assistente geral: Fernando Garcia.
Chefe dos serviços de exterior e assistente: Júlio Vicente Ribeiro.

Anotador e assistente do realizador: Constantino Esteves.
Caracterização de António Vilar.

Ajudantes de caracterização: Leite Rosa e Alberto Alves.
Fotógrafo: João Martins.
Construções de Francisco Duarte.
Chefe-electricista: Joaquim Santos.
Estúdios da Tobis Portuguesa.
Sistema: Tobis-Klangfilm.
Laboratórios da Lisboa-Filme.
Película: Kodak.

Personagens e intérpretes

Pela ordem de aparição no écran

Engenhocas	Carlos Alves
Sr.ª Rosa	Maria das Neves
Carlos Bonito	António Vilar
Celeste	Laura Alves
Sr. Heitor	João Silva
Amália	Maria Paula
Boris do Nove	Elisier Kamensky
Evaristo	António Silva
João Magrinho	Barroso Lopes
Alfredo	Carlos Otero
Suzanna	Grça Maria
Narciso	Vasco Santana
Rufino	Francisco Ribeiro
Sr.ª Margarida	Regina Montenegro
«Arnesto» Marques	Armando Machado
«Bebatito» Marques	Pereira Saraiva
«Cebatito» Marques	Reginaldo Duarte
Um freguês	Casimiro Rodrigues
Artur Chibichina	Artur Rodrigues
Maria da Graça	Maria da Graça
O Agente Fernandes	João Guerra
2.º Agente	Joaquim Amarante
O caíza	Armando Pedro

O filme foi produzido pela PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO e é distribuído pela SPAC (Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, Ld.).

um grupo de «vedetas» com grande público e talento de boa marca.

Primeiro, Maria da Graça que com os sambas, as modinhas brasileiras e as canções portuguesas conquistou todos os rádios-ouvintes, foi escolhida pela «Produção António Lopes Ribeiro» para interpretar um dos principais papeis de «O Pátio das Cantigas», especialmente escrito para ela. A sua actuação, pela frescura e pela graça que lhe imprimiu, vai constituir uma surpresa sensacional para o público — apesar do público já saber que pode contar do talento da simpática artista.

Novos elementos da Rádio

Agora, depois de Maria da Graça, a Rádio volta a fornecer elementos das suas fileiras e são dos mais valiosos: Milú e Fernando Ribeiro, duas vozes que Portugal radiófilo conhece e justamente admira. Foram eles os escolhidos para interpretar a ingénua e o galã de «O Costa do Castelo», que Arthur Duarte vai dirigir para a Tobis Portuguesa e cujas filmagens devem começar no dia 16 do corrente mês.

As provas meticolosas em que vários candidatos, todos de real valor, foram experimentados nas suas qualidades dramáticas, foto e fonogénicas, concluíram, há dias, com a aprovação definitiva dos nomes que hoje revelamos aos nossos leitores.

Milú é sobejamente conhecida de todo o público. Revelada no antigo posto amador «Rádio-Sonora» passou, depois, a ocupar um lugar de relevo nas emissões do nosso posto oficial.

De audição para audição, as suas qualidades melhoraram e dum amadora simpática, Milú, mercê dos seus constantes progressos, fez-se uma artista com qualidades que não são vulgares, cheia de personalidade vigorosa que lhe dá um estilo e um poder de interpretação sempre renovado.

tamente, pelas exigências sem conta e sem par dos microfones. Por outro lado, o trabalho de Milú, nas sucessivas exibições em público algumas de grande responsabilidade como a que, com Maria da Graça e as Irmãs Remartinez, fez no «Círculo Eça de Queiroz», deram-lhe um à-vontade um domínio de presença que lhe vai prestar bastante sempre que tiver de actuar perante a câmara cinematográfica, a grande-senhora dum estúdio de Cinema.

Além disso, Milú já se estreou perante a câmara, já apareceu num filme: *A Aldeia da Roupa Branca*, de Chianca de Garcia, em que fazia, ainda menina, o sanjinheiro, da cena da representação.

Os dois galãs: uma esperança e um consagrado

Fernando Ribeiro, escolhido para galã de «O Costa do Castelo» é outro elemento de valor da rádio portuguesa.

Quer acompanhado pelo grupo os «Excentricos do Ritmo» de Nuno Gonçalves, quer noutras exibições, quer ainda, em serviços de locução, Fernando Ribeiro revelou muitas qualidades, agora em aproveitamento e, como Milú, também com o conhecimento das condições técnicas da actuação que os trabalhadores da Rádio trazem para o Cinema.

Além destes intérpretes, os produtores de «O Costa do Castelo» podem agora anunciar o nome dum outro intérprete valiosíssimo. Trata-se de Luiz de Campos a quem vai ser distribuído um papel de bastante relevo, digno da categoria do sóbrio e talentoso actor a quem se deve a magnífica rúmba da «Revolução de Maio» e a cuidada interpretação do protagonista de «Feição do Império» ambas a demonstrar a existência dum actor que o Cinema português não pode dispensar e que mais uma vez vai demonstrar as suas qualidades numa produção nacional.

O talento e o saber de Luiz de Campos e a experiência radiofónica de Milú e

Um filme português de amador

ficou classificado em 3.º lugar num concurso internacional!

No Concurso Internacional para a Taça de Santo Estêvão, realizado recentemente em Budapeste, obteve o 3.º prémio o filme português de amadores «Sinfonia do Candeeiros de Alvaro Antunes.

Já é a segunda vez que filmes portugueses de amadores são altamente classificados em concursos internacionais. A primeira vez foi com o «Sonho Infantil» de Fernando Ponte e Sousa no Concurso Internacional de Zurich, em 1937.

Apesar do nosso habitual pessimismo acerca do cinema de amadores em Portugal não podemos deixar de manifestar alegria e satisfação pelo acontecimento.

É verdadeiramente notável o que está acontecendo, se nos lembrarmos que aos concursos internacionais acoem os melhores amadores do mundo com filmes de apreciável categoria artística, feitos em condições muito mais vantajosas que as dos amadores portugueses.

O cinema português de amadores já muito conhecido além fronteiras. A Europa tem já prestado homenagem aos nossos filmes. Na Alemanha, na França, na Espanha, na Suécia, na Suíça, na Hungria, na Áustria, os filmes portugueses de amadores tem sido projectados por mais de uma vez. Referências críticas de jornais de conhecida severidade, têm sido frequentes para com os nossos filmes de amadores e tôdas elas simpáticas e ama-

(Conclui na 2.ª página)

PANORÁMICA

A Hora do Cinema

Silva Brandão, cujo nome já é inútil apresentar aos leitores do *Animatógrafo*, envia-nos um artigo que nos desvança. Não pelo que ele possa conter de elogios para «Animatógrafo», mas pela sua mentalidade e claro senso que revela, aliado à grande dignidade de expressão, quisemos indicá-lo neste lugar «cativo», onde só passam, de costume, pessoas cá da casa.

Na nossa terra, na maioria dos casos para se tomar qualquer resolução espera-se sempre um momento oportuno que nunca mais chega.

Hoje a guerra, amanhã a paz. Hoje a falta de meios, amanhã a abundância. Tudo serve, todos os argumentos são bons para se atarazar, para se adiar sempre.

Em cinema a oportunidade existe no próprio momento em que se pensou numa resolução.

A maioria dos portugueses desconhece o seu valor pessoal. Amesquinham-se, humilham-se perante as ideias dos outros receosos de imporem a sua. Há sempre um confronto a temer.

Em cinema, só pode existir, quem reconheça o valor dos outros mas que saiba impor também o seu.

Ferir susceptibilidades, lerar interesses, recocar inimizades, são outros factores que costumam emperrar a actividade nacional.

Em cinema não há interesses pessoais, concorrências que se prezem perante o progresso, o desenvolvimento e a imposição da maior vantagem de propaganda do país.

A incerteza, a deserença a falta de vontade, a carência de energia podem andar em nossa volta, podem militar onde quiserem, mas onde não podem entrar, onde não podem imperar é dentro do cinema.

O cinema é uma vida nova nas artes. Se tudo aqui é diferente, se nada existe dos outros campos artísticos que não fosse melhorado, transformado e engrandecido, também aqui não cabem os processos usados, as ideias envelhecidas, os pensamentos timoratos, que corromperam a diminuíram todas as tentativas de engrandecimento das outras artes em Portugal.

Ideia novas, gente nova. Mas ideias novas impostas com desassombro com audácia, com virilidade. Gente nova, mas gente robusta de alma e de espírito. Novos que não receem confrontos, novos que não tenham ferir quem tente empanar o engrandecimento da causa defendida.

Abriremos hoje «Animatógrafo» uma alma nova vibrou dentro de nós. Sentimos a força da vontade. Sentimos a ansia de vencer. Sentimos o desejo de melhorar, de engrandecer. Sentimos que dentro desta casa não há nem a mais pequena centelha de apatia. Para cada estocada, uma palavra mais firme, uma manifestação da mais resoluta fé, da mais inabalável tenacidade.

O cinema nacional é um facto. Vontades fortes a dominam. Um ânimo viril vibra em sua volta.

Um novo ato se encaminha. Mais negro, e mais incerto que nenhum outro. E é nesta altura que «Animatógrafo» não recusa afirmar a sua existência. E é nesta hora que «Animatógrafo» não pensa em esperar dias de maior calma de maior segurança.

Para «Animatógrafo» não há momentos escolhidos, horas propícias para erguer o cinema. A melhor hora é a hora que imediatamente começa. E cada hora é uma hora de fé e de apêgo à luta.

E assim o cinema. Humano, real, forte e resoluta. Nada pode emperrar a sua marcha vitoriosa, nada pode diminuir o seu vertiginoso andamento de progresso.

Silva Brandão

■ Nós e o Clube

Agora que o custo da assinatura do «Animatógrafo» diminuiu enormemente — 13800 por um semestre (26 números), 26800 por ano (52 números) — não se justifica qualquer tolerância com os sócios do «Clube do Animatógrafo» que insistam na sua atitude de borlismo. Voltamos portanto a prevenir que, na próxima festa do Clube, só serão admitidos os inscritos que sejam, simultaneamente, assinantes do nosso jornal, única cota que se lhes exige e que não passa, afinal, dum antecipação justíssima.

■ Uma gralha

No artigo de fundo do último número, uma gralha poisou de tal maneira que tornou incompreensível uma frase.

Onde se lê: «...quando o sabre cai na arara de destapar a rôlha da garrafa, deve ler-se «...quando o Sabu cai na arara de destapar a rôlha da garrafa».

Desculpem os leitores.

Um filme premiado

(Conclusão da 1.ª página)

veis. É preciso querer ver, acreditar e não esquecer, propositadamente, que os filmes dos amadores portugueses não são só simples e despreziosas brincadelras.

Agora que se está a preparar o Concurso Nacional que classificará os filmes que irão ao Concurso Internacional esta notícia da alta classificação de um filme português no estrangeiro vem incutir uma nova coragem e um interesse que não deve resumir-se apenas aos amadores mas a todos aqueles a quem semelhantes manifestações artísticas têm obrigação de interessar.

Os membros do Júri de classificação do Concurso da Taça e das Medalhas

«SANGUE E ARENA» e TYRONE POWER também são candidatos

As listas dos candidatos à Taça e às Medalhas do «Animatógrafo» de 1941, que publicamos no último número, foram elaboradas, conforme noticiámos, pelo

JAIME SILVA, FILHO
(Professor do Conservatório Nacional de Música)

GONÇALO DE MELO BREYNER
(Arquitecto)

ANTÓNIO SOARES
(Pintor)

JORGE BARRADAS
(Pintor)

DR. ANTÓNIO DE MENEZES
(Do Grémio Português de Fotografia)

ENG.º PAULO DE BRITO ARANHA
(Engenheiro de Som)

JORGE BRUM DO CANTO
(Realizador)

F. ALVES DE AZEVEDO
(Escritor e Jornalista)

Este Júri de vinte pessoas atribuirá a Taça do «Animatógrafo», ao filme

seu talento em filmes exibidos durante 1941.

A votação

Os votos do Júri de Classificação deverão ser enviados à redacção de «Animatógrafo» até 15 de Janeiro de 1942, nos boletins de voto que vão ser distribuídos a cada um dos seus componentes. O escrutínio será feito pelo Júri de Admissão, sendo os boletins de voto arquivados e depositados na redacção do nosso jornal, onde ficam à disposição de todos os membros do Júri que queiram consultá-los, isto para evitar reuniões morosas e para não sujeitar nenhuma opinião à possível influência dum discussão em conjunto.

Nenhum filme, nenhum actor e nenhuma actriz pode ganhar a Taça ou as Medalhas sem reunir, pelo menos, um terço dos votos emitidos. Assim, realizar-se-ão tantos escrutínios quantos forem necessários para se chegar a um resultado, salvo no caso de se verificar tal intransigência que não permita a atribuição de qualquer dos prémios (hipótese pouco provável, mas que não faz mal nenhum prever).

Podem também dar-se o caso de se verificarem empates, como aconteceu aliás na votação do ano passado. Nessa hipótese proceder-se-á conforme determina o regulamento, isto é, recorrer-se-á a uma Segunda Volta entre os membros do Júri que tiverem votado noutros filmes ou artistas — que não os empatados — a fim de decidirem o pleito. A esses membros do Júri de Classificação serão enviados Boletins especiais para votarem no segundo escrutínio.

Novos candidatos

As listas de filmes e actores candidados à Taça e à Medalha, publicadas no último número, o Júri de Admissão resolveu acrescentar o filme

«SANGUE E ARENA»
(Blood and Sand)

estreado ainda em 1941, bem como o actor

TYRONE POWER

pela sua interpretação na mesma película.



Tyrone Power

que considerar o melhor do ano, em mérito absoluto, e as Medalhas do «Animatógrafo» ao actor e à actriz que mais se tenham evidenciado pelo

que é composto pelos seguintes redactores de «Animatógrafo», que não estão de qualquer forma ligados às casas distribuidoras de filmes estrangeiros.

Júri de admissão

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
ANTÓNIO CARVALHO NUNES
DOMINGOS MASCARENHAS
FELIX RIBEIRO
FERNANDO FRAGOSO
FERNANDO GARCIA

Uma vez elaboradas as listas definitivas dos candidatos serão submetidas à apreciação do

Júri de classificação

que é composto pelos seus membros do Júri de Admissão e por mais as seguintes catorze pessoas, convidadas para o efeito, pela sua categoria e a sua competência em matéria cinematográfica:

ALMIRANTE GAGO COUTINHO
(da Academia das Ciências)

DOUTOR REINALDO DOS SANTOS
(Presidente da Academia de Belas Artes)

ANTÓNIO FERRO
(Director do Secretariado da Propaganda Nacional e da Emissora Nacional)

DR. PEDRO DE MOURA E SÁ
(Presidente do Sindicato Nacional da Crítica)

LUIZ TEIXEIRA
(Presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas)

MAESTRO PEDRO DE FREITAS BRANCO
(Director da Orquestra Sinfónica Nacional)

Um grande filme de aviação diferente de todos os que têm aparecido

D. III 88

A ESTREAR BREVEMENTE NO

GINÁSIO

Magestoso pelas suas imagens ■ Empolgante pelo seu assunto ■ Arrebatador pelo conjunto magnífico dos seus intérpretes ■ Um filme que além de ser um atraente espectáculo é uma justíssima homenagem aos bravos aviadores militares

Distribuição da Portugal Filmes

ANTOLOGIA LÉON MOUSSINAC

Depois de Louis Delluc, «Animatógrafo» apresenta hoje na sua «Antologia» extractos dum artigo que Léon Moussinac publicou num dos volumes da magnífica e hoje rara colecção L'Art Cinématographique, que o livro Feltz Alean, há anos, editou.

Moussinac, embora não milita no mesmo campo político de «Animatógrafo», merece, pela sua categoria, pela dignidade dos seus processos de jornalista e de crítico cinematográfico, especialista incontestado dos problemas de cinema no seu aspecto social, a nossa admiração.

Autor de «La Naissance du Cinéma», um livro que fez época, de «Panorama de la Cinéma» e de «Le Cinéma Soviétique», Léon Moussinac encontra-se presentemente prisioneiro num campo de concentração.

Cinema: expressão social

Foi possível investigar as leis em virtude das quais o Cinema pode exprimir-se; foi possível tentar o estabelecimento das relações do Cinema com estética antiga, presente e futura.

Sétima ou não, síntese ou não, arte ou não, o certo é que o Cinema existe. E existe profeticamente porque anuncia qualquer coisa: Pierre Scize diz: «Uma nova era da Humanidade». Teria previsto todas as consequências desta justa afirmação? Marcel l'Herbier esclarece um pormenor considerável:

«Até hoje um brinquedo, amanhã um utensílio formidável, o cinematógrafo tem o dever de se conhecer a si próprio, em função do futuro e purificado daquilo que foi...»

Saldemos na passagem as artes estáticas que, pouco e pouco, se apagam e se abatem por não poderem arrancar de nós emoções com equivalência no patético da hora presente. A seleção opera-se fatalmente e o mediocre, o passável, o suficiente, o bem já são, para nós, insuperáveis: quando o dinamismo dum obra de arte não participa do dinamismo da nossa vida, não aceitamos senão o mais que perfeito: a obra-prima.

Porque não dispomos de mais tempo para perder.

★

Lembremos algumas evidências relativas aos caracteres particulares da época presente, embora tão frequentemente tenham sido apontadas.

O Homem criou a máquina à sua imagem para cativar forças que sem isso lhe escapariam.

Rapidez e complexidade são os sintomas da vida moderna. São-nos precisos instrumentos que aumentem os nossos sentidos que, enfim, nos assegurem o domínio do Espaço e do tempo nos seus valores tão singularmente modificados durante um século.

Precisamos do «acelerado» para prever e do «ralentado» para compreender. Nada podemos contra isto e negá-lo seria negar a própria vida. Mas senão podemos nada «contras», podemos tudo «a favor».

★

A grande realidade moderna foi, a bem dizer, revelada a meio do século passado por um homem que tenho sempre grande prazer em citar, o conde Laborde, director das Belas-Artes no segundo Império, no seu relatório sobre a exposição de Londres de 1851, que é um espantoso monumento, contendo o essencial duma filosofia que se adapta, na maioria dos seus tópicos à época actual. Diz assim:

«O movimento da Sociedade tende a fazer participar o maior número na partilha dos benefícios reservados a alguns sómente. Quando todos os povos comunicarem facilmente por caminhos de ferro quando falarem dum antípoda ao outro pelo fio eléctrico... não mais se poderá prender Shakespeare na sua ilha, Tasso em Itália, Camões em Lisboa ou parar Schiller nas margens do Reno e disso resultará, estamos certos, não a fusão dos espíritos vulgares, mas sim o contacto das inteligências superiores e das experiências longamente acumuladas pela actividade nacional de cada país, uma força nova para as artes, para as letras, para as ciências que combinarão esta multiplicidade de esforços impotentes no isolamento, formidáveis quando agrupados...»

«Esta transformação das artes produz-se a propósito de todas as descobertas: não há uma que não venha satisfazer uma necessidade apontada e desenvolver um benefício procurado! não há uma que pelos seus sintomas de novidade não altere ou não inq'ete uma ordem estabelecida; a escrita, depois da palavra, a imprensa depois da escrita a rapidez de comunicações após a imprensa, todas concorrerem para a grande realidade que é o alargamento para todos das conquistas intelectuais e materiais...»

Não esqueçamos que Laborde escrevia em 1853. Atrás desta fraseologia há uma clarividência, uma audácia, e uma pureza de espírito que nos emocionam a nós que sómente começamos a descobrir o que duas invenções recentes, o Cinema e a Rádio nos trazem de sinais anunciadores dos tempos que vêm até nós, se nós pelo menos não quisermos ir ao seu encontro com confiança e sem espírito de reservas.

Afirmamos que se não é inútil abstracto, por momentos, da questão fundamental para procurar as leis estéticas susceptíveis de reger um novo modo de expressão (e foi preciso provar primeiro que se tratava, na verdade, de um novo modo de

(Continua na 8.ª página)

O CINEMA NO MUNDO

Sessue Hayakawa

revela os factos que deram origem ao boato da sua morte

(De «LE DIMANCHE ILLUSTRÉ» — MARSELHA)

Sessue Hayakawa vai filmar novamente (*). Desde a segunda versão de «Fortuité», ao lado de Louis Jouvét e Lise Delamarre não o tornámos a ver na tela. Daí ter corrido, mais uma vez, o boato da sua morte. Afinal, está vivo e bem vivo — tal qual como sucedeu em 1925.

Durante muito tempo, ignorou-se a razão do boato. Sessue Hayakawa fez luz, recentemente, sobre o assunto. E vale a pena referir a sua história.

Todos aqueles que temem o inverno, a chuva, o frio e a humidade, buscam a Côte de Azur como o paraíso terreal. Entre Cannes, Nice e Monte-Carlo, optei pela última. Adorava esta cidadezinha tão amável, onde havia dois casinos: o Municipal e o Sporting.

O jogo apaixonara-me. Foi nos salões do Sporting que conheci a «mesa forte», onde o dinheiro parece não ter valor. Quando jogava, ninguém seria capaz de descortinar as minhas reacções. Adoptara um sorriso perene, e, certa noite em que ganhei 500.000 francos, houve quem supusesse que eu estava aborrecido. De facto, estava. Mas por causa dumas dores de cabeça, inoportunas. No dia seguinte, com de costume, saí do hotel e fui para o Casino, dispostos a passar uma noite em cheio com os que jogavam forte.

O duque de Westminster e Citroën sentaram-se na mesa do bacará.

Os meus 500.000 francos da véspera desapareceram num ápice. Depois, consegui refazer-me um pouco.

Cinco milhões? «Banco»!

De repente fez-se silêncio absoluto, à nossa roda. Olhei o «roupiers», ocupado na contagem duma montanha de notas e de fichas.

«Cinco milhões, meus senhores! Façam o seu jôgo!»

«Banco!» disse tranquilamente. Westminter, sem esconder a sua estupeficação, olhou para mim. Os outros ficaram assombrados.

Citroën ciciou, aos meus ouvidos: «Se estiver de acordo, participo com dois milhões.»

«Desculpe-me! Quero ir sôzinho, neste «Banco»».

Sem me dar conta do movimento de curiosidade que se estabeleceu à minha volta, chamei o «manager» do estabelecimento. Não tinha uma moeda sequer, diante de mim.

«Se perder — disse-lhe com uma calma que não era fingida — passar-lhe-ei um cheque? Não há inconveniente?»

«Nenhum, senhor Hayakawa.»

E o duque de Westminster deu as cartas.

Apesar de tudo, estava espantosamente calmo. Desejava experimentar a sensação que os jogadores definem pela «emoção do risco». Afinal, não fui capaz de pensar noutra coisa que não fosse na atenção que os espectadores da cena teriam concentrada nas minhas mãos, para ver se elas tremiam, ou me sorriso desconcertante, para descortinar nele uma crispação, por pequena que fosse...

«Vi as minhas cartas: um rei e um sete. — Quer mais? perguntou Westminter. — Não!»

O duque mostrou as dêles. Foi para mim, o momento mais apaixonante da partida. Tinha três cartas... Os cinco milhões de francos estavam quase no caminho da algebrista. Só um oitavo ou um nove poderia bater-me. O meu adversário para ganhar, teria que tirar exclusivamente um cinco ou um seis. Na sala, reinava o silêncio das grandes ocasiões!

Westminter puxou uma carta, que deslizou, suavemente, sobre o pano verde. Daquela retangulosa de côdes caprichosas, dependia uma fortuna. Virou a carta, bruscamente. Um «oh» de assombro ecoou pela sala. Era um cinco! Westminter ganhara por uma unha negra...

Liberto da angústia daquele instante — desatei a rir! Assinei, com naturalidade, um cheque sobre Nova-York e levantei-me da mesa. Fui ao «bars» e ofereci «champagnes» aos circunstantes.

No dia seguinte, sem prevenir ninguém, meti-me no comboio e fui para Paris. Vinte e quatro horas depois, por força dos contratos que assinara, embarquei para os Estados Unidos.

Foi em Saint-Louis (Missouri) que soube da minha «morte». Representava então «The City of Love», e, uma noite, quando estava a maquilar-me, apareceu o «contra-regra», acordado, a bater-me à porta. Com um jeito da língua, colou o chevinguão ao céu da boca, e anunciou-me: «Senhor Hayakawa! Chamam-no ao telefone.»

«Sim? murmurei com indiferença. — ...Uma senhora. É uma chamada «Long distance»... Parece-me que é de Hollywood.»

Sem apressar o passo, fui até ao aparelho.

«Alô?»

«És tu?! Estás vivo?!»

Do outro lado do fio, ouvi uma espécie de gemido, uma voz angustiada, trémula,

enroquecida pela emoção! Era a de minha mulher.

— És tu, Sessue? — Sim, sou.

— Ainda bem!... Não norreste!... Assombrado, respondi maquiavelmente... — Não!... Não morri!

E finda esta conversa, precipitei-me para o camarim, sem tentar sequer compreender e profundar a razão da chamada. Mal feito da surpresa, eis que cinco desconhecidos, ao som duma palavra mágica, me invadem o camarim:

— Polícia!

— Levantei-me. Olhei os agentes sem dizer uma palavra.

— You are under arrest!

— Porque?

— Porque o senhor não passa dum impostor?

— Ainda tem o descaramento de nos perguntar «porquê»?! Porque o senhor não é o Sessue Hayakawa. Aproveitou-se do nome dêle para ludibriar o público?

— Como?!

— Vivivelmente irritado, um dos agentes explicou:

— Porque o verdadeiro Sessue Hayakawa suicidou-se em Monte-Carlo. Está morto e bem morto.

Não obstante a minha perturbação, tranquilizei-os.

— Tenham paciência! Vai começar o terceiro acto. O público está à espera. Tem o direito de assistir ao espectáculo completo. No fim da representação, explicaremos.

E, saí, com um ar muito digno, porque, nos Estados Unidos, não se pode interromper um espectáculo, seja sob que pretexto fôr.

E no fim do «terceiro acto», após as chamadas, encontrei os agentes no meu camarim, pendurados em imponentes charutos...

— Para um «aldrabão», vamos lá — comentou um dêles — o senhor representa mentos mal. Avie-se e venha conosco.

O FILME DOCUMENTARIO

E O PONTO DE VISTA DOS ESPECTADORES

por R. FAGUÉLIN
(De «FILMAGAZINE» — LYON)

É coisa certa que dentro em pouco o filme documentário adquirirá um desenvolvimento novo. Sabe-se, com efeito, que o novo estatuto do Cinema proibiu aos directores das salas de espectáculo dois filmes de grande metragem numa mesma sessão. Os produtores vão, pois, ser levados a atirar-se às actualidades, ao desenho animado e sobretudo aos documentários para formar a primeira parte dos seus programas semanais. Esta obrigação dá lugar a discussões em que se defrontam opiniões bastante contraditórias: há quem não veja inconveniente algum nesta medida e julgue que em género de produção ganhará em ser impulsionado, ao passo que outros não viram nos documentários mais que um verbo de encher, cuja qualidade desludia habitualmente o espectador.

Qual é, antes de mais nada a posição actual do espectador médio em relação ao filme documentário?

A opinião do grande público, é preciso que o digamos, não era favorável ao filme documentário.

Na realidade, o que até hoje nos foi mostrado em matéria de documentário? Que filmes inscritos nesta categoria nos ficaram na memória, e quais que fizeram época? Bem poucos. Pelo contrário, ouvimos ainda, ao fazer-se simples referência a esse qualificativo, as cadeiras rangerem sob o pé dos espectadores enfadados, que dão voltas e revirvoeltas vítimas duma sensação de tédio que aumenta sem cessar. Aliás com razão. Pois não eram, com certeza, as sensaboranas reportagens feitas aqui e ali, que podiam suscitar o entusiasmo pelas belezas não obstante tão puras, da nossa França, nem o monótono desenrolar de vastas áreas que podia mostrar-nos o nosso Império, na sua verdade, na sua realidade. Nem tampouco esse género de digressão pelos bosques e sobre as águas mais ou menos rápidas que uma música inverosímil, chamada «evocadora», acompanhava!

Resolvi-me a acompanhá-los. A história principiara a divertir-me. Em Los Angeles supunham-me morto. Em Saint Louis prendiam-me!

E depois de haver provado, com documentação irrefutável, a minha identidade, pedi ao «sheriff» que me ajudasse a reconstruir a história da minha morte.

Quando os jornalistas põem e dispõem...

Eis o que se passou:

Na manhã seguinte à famosa partida que me levava a perder cinco milhões, as autoridades locais encontraram nos rochedos que dominam o Mediterrâneo, um corpo horrorosamente mutilado. Era o cadáver dum japonês, não restava dúvida. Impossível identificá-lo, com consciência. O que não impediu um repórter de asseverar que o morto não podia ser outro se não Sessue Hayakawa, que, na véspera perdera uma fortuna no Casino. E não esteva com meias medidas: telegrafou a notícia para os cinco partes do mundo. O falso Sessue foi parar à morgue. Como a face se encontrava em mísero estado, tornou-se impossível reputar a identidade do repórter e a opinião pública haviam estabelecido. O morto não tinha com êle um documento que habilitasse a polícia a pronunciar-se sobre a sua identidade. Foi enterrado com as honras devidas e só muito mais tarde, em face do desmentido que a minha presença constituiria, é que foi possível saber que se chamava Satho. E Satho não era jogador de tennis, nem vedeta de cinema — mas um simples mortal, sem história, nem notoriedade.

(*) N. da R. — Nas vésperas do conflito entre a América e o Japão, Sessue Hayakawa encontrava-se em S. Francisco, a caminho de Hollywood. Prevendo o rompimento das hostilidades embarcou para a sua pátria, antes de que os acontecimentos se precipitassem.

O CINEMA NO Uruguay

por PABLO BOBO
(De «TEATRO AL DIA» — NOVA IORCA)

Enquanto que há alguns anos atrás, a programação dos cinemas se fazia quase exclusivamente com base em filmes americanos e algumas películas europeias, na maioria comédias musicadas alemãs, hoje, o filme americano embora mantendo supremacia, deixou de ser considerado imprescindível na programação. Algumas salas dos subúrbios de Montevideo e do interior não exibem senão fitas faladas em espanhol, na sua maior parte argentinas, e só excepcionalmente põem nos seus programas alguns filmes americanos de aventuras.

Nada demonstra melhor a situação actual que um rápido resumo da programação das salas de Montevideo.

Numa semana do ano passado os 87 cinemas em exploração na capital do Uruguay exibiram um total de 129 películas de larga metragem. Segundo a sua procedência estas fitas repartiam-se assim:

Americanas	73
Argentinas	28
Francesas	18
Francesas (feitas na Alemanha)	2
Espanholas	3
Espanholas (feitas na Alemanha)	2
Uruguaias	1
Inglêsa	1
Italiana	1

Não figuram nesta lista nem os filmes curtos nem os noticiários. Estes que os exibidores dos cinemas de baixo não cuidavam nada e nem sequer queriam pagar, exigindo a sua entrega como simples complementos de programa sem importância, alcançam agora grande êxito e sucede o que parecia incrível: que o público dos cinemas de baixo vai muitas vezes à sala de estreira não pela fita de fundo, mas sim pelo noticiário que traz as novidades gráficas muito mais depressa do que as revistas ilustradas.

Constroem-se novos salões de luxo

Montevideo tem agora pronta uma nova sala de primeira categoria que ultrapassará em luxo e capacidade todas as existentes. O novo cinema levanta-se no centro da cidade na «Avenida 18 de Júlio e Yaguarón» e será a principal sala de estrelas do circuito Glucksmann, substituindo os cinemas «Rex Theatres» e «Ariel» ambos na mesma avenida e que passarão agora para a segunda linha. A nova sala chamada «Trocadero» terá uma capacidade para cerca de 2.000 pessoas e contará com uma instalação ultramoderna, a par das melhores salas americanas.

Respondendo às exigências crescentes do público, os proprietários dos cinemas de baixo, tratam de melhorar a instalação das suas salas e os novos cinemas que estão prontos a inaugurar-se contarão também em instalações modernas. Inaugurou-se já o «Cine-Mundial» com 600 lugares, também o «Cine Astral» e o «Cine Mundo», cujo empresário é o sr. Gerardo Schaffner. Enquanto que os cinemas que atraz citamos possuem equipamento americano, este último trabalhará com um sistema sonoro construído pelo próprio empresário, técnico de aparelhagens cinematográficas. Uma nova e ampla sala, construída na «Avenida Garibaldi» e que será um dos cinemas de baixo de maior capacidade, pois terá 1.500 lugares, tem em estudo as condições de exploração.

Paralelamente com a modernização das salas da capital uruguia, fazem-se esforços para dotar as cidades do interior da República com melhores cinemas, bôsto que o público das pequenas localidades teve de contentar-se até aqui, na sua maior parte com

de instrução e não de distrair. Sofre e sofrerá sempre do paralelo inevitável com o filme dramático. O seu único meio de defesa consiste, cremos, em fundir-se habitualmente com este último. Pelo menos deverá aproveitar todos os segredos do «metier» que o tornem suportável. Trata-se, em suma, de mascarar os defeitos inerentes à sua natureza. E isso é um pequeno «tour de force» que assustará um bom número de produtores. Até aqui, quem tivesse qualqer coisa a dizer supunha-se suficientemente capacitado de o fazer por meio do cinema. A experiência demonstrou que a ciência e a arte são coisas diferentes, e que é por isso mesmo que é muito difícil reuni-las. Fiquemos, contudo, persuadidos de que um dia, que não vem longe, cinemas de valor não-de sentir-se capazes de consagrar essa união, para proveito maior dos espectadores.

salas que não correspondiam em nada aos progressos da técnica, nem ofereciam nenhuma espécie de comodidade.

CENSA (Companhia Exibidora Nacional Sociedade Anónima) inaugurou uma moderna sala, o «Cine Teatro Municipal» na cidade de Treinta e tres. O circuito Glucksmann, que conta actualmente com 18 cinemas no interior dispõe-se a iniciar um vasto plano de trabalho que significará para as cidades beneficiadas uma contribuição de grande valor.

A primeira etapa desta obra terá lugar na cidade de Mercedes onde o Glucksmann Palace ficará com capacidade para 1.500 pessoas, a maior dos cinemas do interior e uma plateia de 500 cadeiras «superpulpman», e um sistema de renovação de ar que permitirá a exibição de filmes, com todo o conforto, durante todo o ano. Seguir-se-ão melhoramentos nas cidades de Salto e Paysandú.

O filme educativo

O Departamento de Educação do Ministério da Saúde Pública reconhece a importância da cinematografia no ensino projecta a realização duma série de películas instrutivas de positivo interesse. O Laboratório Cinematográfico que funciona sob a sua dependência terminou a película «A Organização dos Serviços de Saúde Pública no Uruguay» que dá uma resenha sobre todos os serviços e instalações pertencentes à jurisdição deste ministério, incorporando também os serviços criados recentemente. Está também terminado o filme «A Casa Higiênica e Económica» que mostrará os esforços realizados na solução deste importante problema no Uruguay. Está igualmente filmada com a supervisão do eminente fisiólogo professor Doutor Luis Sayé, outra grande película dedicada à luta contra a Tuberculose no Uruguay.

O Departamento de Educação do Ministério de Saúde Pública» enriquecerá assim a sua colecção de filmes destinados à propagação sanitária, como factor de verdadeira eficácia para a illustração do povo em defesa da saúde.

Lana Turner deixou Tony Martin e anda agora com Robert Stack

Lana Turner, que dois meses depois de ter casado com o chefe de orquestra Artie Shaw, considerado o mais «hot» de todos os grandes executantes de jazz, se apressava a pedir tranquilamente o divórcio acusando o marido de crueldade mental, substituiu cheio de entusiasmo. De facto, Martin, a quem Lana conseguira dar completamente a volta ao miolo — facto perfeitamente compreensível, dados os encantos da sercia — separou-se de Alice Faye, sua mulher, com grande desgosto desta, e ante a admiração da colónia, que os tinha como um casal apaixonado e feliz.

Durante as filmagens de «Ziegfeld Girls», em que Lana e Tony participavam ao lado de Hedy Lamarr, Judy Garland e James Stewart, esse romance de amor entre o ex-marido de Alice Faye e a ex-mulher de Artie Shaw mais se firmou não podendo passar um sem o outro, tornando-se companheiros inseparáveis nas festas noturnas e em todos os divertimentos de Hollywood.

Ora Tony Martin, que como se sabe é um cantor que antes de aparecer no cinema actuava nos «music-halls» e teatros de «vaudeville», teve recentemente que ir cumprir um contrato fora de Hollywood, um contrato de relativa duração, que o obrigava a uma ausência forçada da capital do cinema e a um afastamento inevitável de Miss Turner, difícil de suportar, como bem se calcula.

No entanto Lana Turner parece não ter tido igual preocupação com a partida de Tony Martin, pois, depressa começou a ser vista a frequentar os cafés, os restaurantes, corridas de cavalos pelo braço amigável e não menos entusiasta de Robert Stack, aquele galã, que se pode gabar de ter dado, na tela, bem entendido, o primeiro beijo a Deanna Durbin. O magnífico «roadster» azul marinho de Lana Turner, que é uma das atracções de Hollywood Boulevard, tem agora, pois, um novo volante a conduzi-lo...

Alice Faye, que possui hoje um lar feliz, e que espera para breve um bebé, está vingada, e bem vingada!

A TOBIS PORTUGUESA

tem a honra de anunciar
a próxima estreia da
sua nova produção



LOBOS DA SERRA

Um filme de **JORGE BRUM DO CANTO**

... Quando tudo parecia sorrir-lhes, o temporal, numa noite, deixou-os arruinados! Foi então que o contrabando apareceu, como o caminho mais fácil! À tormenta da natureza, sucedeu a tempestade nas almas — até que o sol raiou novamente a iluminar-lhes o destino!

PRINCIPAIS INTERPRETES:

MARIA DOMINGAS • ANTÓNIO DE SOUSA • MANUEL SANTOS CARVALHO • CARLOS OTERO
MARIA EMÍLIA VILAS • SILVA ARAÚJO • ARMANDO MACHADO • JOÃO GUERRA
ANTONIO SILVA e COSTINHA

OUTROS FILMES DA TOBIS PORTUGUESA

EM MONTAGEM:

ALA, ARRIBA!

EM PRODUÇÃO:

O COSTA DO CASTELO

FIRMA DISTRIBUIDORA SONORO FILME, LIMITADA

Lew Ayres

Uma ascensão fulminante! Em menos de um ano, Lew Ayres de simples tocador de banjo, sobe ao firmamento de Hollywood, onde brilha ao lado das estrelas de primeira grandeza, e faz-se, a seguir, realizador. Eis, em breves linhas, a história antiga de um dos «secundários» de hoje — talvez o mais esquecido de todos os astros da Cinelândia.

O curso da carreira de Lew Ayres em Hollywood, acusa, mais do que qualquer outra, um sem número de altos e baixos. Estende-se por onze longos anos, sobrecarregados de privações, de incertezas e de esperanças. Nenhum outro astro tem sido mais persistente em idênticas circunstâncias. Lemos algures que Lew Ayres chegou a conhecer dias de escura miséria. Passou fome e dormiu ao relento. Mas, um certo dia, a fortuna entrou-lhe pela casa dentro. Convidado para fazer o papel de Ned, irmão de Katharine Hepburn em «Holiday» (A Irmã de minha Noiva), de tal forma se desembarçou da incumbência que a Metro houve por bem contratá-lo, provisoriamente, para os seus elencos. Encarregou-o do desempenho duma figura secundária na fita «Rich Man, Poor Girl», e, mais uma vez, Lew Ayres deu excelente conta do recado. «Não havia dúvidas — estava ali um bom «secundário». Portanto, o contrato provisório converteu-se em definitivo.

Por essa altura, os estúdios interessaram-se pelas histórias de Max Brand sobre a vida dos médicos. Lew Ayres era a pessoa indicada para incarnar a figura do «Dr. Kildare». Convidaram-no e ele aceitou de mãos dadas. E, dessa maneira, Lew ficou, de novo, instalado na Cinelândia, disfrutando uma situação invejável. Eis a história breve da segunda ascensão de Lew Ayres, ocorrida exactamente onze anos depois da primeira.

Nasceu em Minneapolis, a 28 de Dezembro de 1908.

Não é muito exagerado dizer-se que a vida artística de Lew Ayres teve início no berço. Com efeito, começou muito novo a aprender música com o avô, que foi artista de nomeada. Passaram horas e horas em frente ao piano, o avô a bater o compasso com o pé e Lew a tentar acompanhá-lo. Não admira, por isso, que o jovem artista, desde muito novo também, começasse a embirrar solenemente com o piano. E não admira também que ele aproveitasse os conhecimentos adquiridos para, nas horas vagas e às escondidas do «grand pa», arrannhar as cordas da viola e do banjo. Que ele nascera para artista — ninguém punha em dúvida. Que ele daria um bom músico — também não era difícil de prever. Mas que Lew Ayres preferisse o banjo ao piano... isso é que seria adivinhar muito!

Aos oito anos teve o desgosto de assistir ao julgamento do divórcio dos pais. Dois anos depois, a mãe voltou a casar. Então, foram viver para San Diego, na Califórnia, mesmo à beirinha de Hollywood...

Diz um jornalista, que o biografou: «Com a tenra idade de 10 anos, Lew Ayres foi acometido, repentinamente, pelo «movie bug» — o microbio do cinema». Recosco de que o levassem para o ridículo, fez todos os possíveis por guardar esse segredo, essa fraqueza. Os garotos seus amigos, embora desconfiassem de que ali havia coisa, nunca o importunaram com perguntas, porque Lew, decerto, as deixaria sem resposta. Com um rosto de lua-cheia, era alvo de troça cruel. Chamavam-lhe os outros «Fats» — «o gorduras».

Aos 16 anos, Lew entrou na Universidade de Arizona com muitas ilusões e pouca vontade de se doutorar. Não admira, por isso, que, em todo o curso, apenas se tivesse distinguido pelo facto de tocar muito bem o banjo e a viola na orquestra escolar. E, por que um mal nunca vem só, Lew e mais alguns colegas formaram um pequeno grupo musical e trocaram as aulas pelo prazer duma divagação artística. Água Prieta... Mexicali... Nogales... El Centro... Tia Juana... Hollywood — um itinerário magnífico, quasi uma trajectória de astro! Lew teve muitas palmas e ganhou muito dinheiro, até passar de moda. Ao cabo de alguns meses, já não tinha ovinhos.

Regressou, então, a San Diego, à procura de emprego.

A beleza panorâmica

aumento o valor dos filmes portugueses

Se gostou da fotografia mais gostará da paisagem original

Sobre viagens consulte o

C. P.

Informações:

nas estações de C. P.
EM LISBOA: Serviço do Tráfego
Telefone 24031
NO PORTO: Estação de S. Bento
Telefone 1722

cura de emprêgo. Qualquer coisa lhe serviria. Com 17 anos, não se podia pensar melhor. Henry Halstead — mais conhecido pelo nome de «Hank» — ouviu-o tocar e contratou-o para a sua modesta banda. Ao que parece, a entrada de Lew deu sorte a «Hank». Meses depois a orquestra tocava no «Plantation» de Culver City — a meia milha de distância dos estúdios da Metro.

Essa particularidade faz dilatar os desejos de Lew Ayres de entrar para o cinema. Todavia, prevaleciam as hesitações



Lew Ayres

sobre o caminho a seguir para atingir esse fim. Lew passou a vestir com elegância e a viver numa casa aparatosa. Mas nem assim conseguiu dar nas vistas.

Estava escrito que não tinha forças para ir ao encontro do cinema. A este e só a este competia «descobrir» Lew Ayres, e quando muito bem lhe apeteceisse.

Mas, entretanto, acabou o contrato da Orquestra e foi-se o dinheiro todo. Com «dollars» e meio na algeibra, Lew entrou, certo dia, no Hotel Roosevelt, exactamente à hora do chá! Havia música e dançava-se. Andava em busca de mesa quando deu com os olhos em certa rapariga tentadora. Desistiu da mesa e foi convidá-la para dançar. A rapariga aceitou e gostou muito de falar com ele. Mal sabia Lew Ayres que ficava a dever a uma «squasi» portuguesa, o milagre da sua entrada no firmamento de Hollywood.

Só mais tarde soube o nome daquela rapariga e foi com o acanhamento de um colega que, uma tarde, nos estúdios da Pathé, se abeirou dela e balbuciou: — «Muito obrigado, Miss Lily Damita, pela sua ajuda».

Fez, então, um «test» para a Pathé e, assim, conseguiu um contrato pouco pensador. Durante seis meses, apenas figurou na «atmosfera» das fitas da companhia. Depois deram-lhe um papel insignificante em «The Sophomore», que, para o sonho que alentava de ser estrela, pouco adiantou.

Paul Bern, o homem que o contratara, passou da Pathé para a Metro e, com ele, foi Lew Ayres.

Procurava-se, a esse tempo, organizar o elenco de «O Beijos» de Greta Garbo. A grande estrela sueca fazia parte do júri de escolha. Por isso, viu todos os «testes», incluindo o do esperanças rapaz. Foi essa a primeira vez em que Lew Ayres acreditou nos contos de fadas. Greta Garbo escolheu-o para um pequeno papel. Garbo dera-lhe a mão!

A seguir, abandonou a Metro e entrou para a Universal, onde teve a sorte de interpretar «All Quiet on the Western Front» — o célebre «Nada de Novo na Frente Ocidental».

Em menos de quatro anos, Lew interpretou trinta fitas, entre as quais, «Common Clay», «Doorway to Hell» e «Okay, America». Por mais dois anos esteve na Fox, onde trabalhou em «State Fair» com Janet Gaynor.

Um dia deu-lhe na cabeça fazer-se realizador e assinou um contrato com a Republic, onde dirigiu James Dunn, Mae Clark e Henry B. Walthall.

Desde então, a sorte abandonou-o e todos o esqueceram.

Ao cabo de mil tormentos, Lew conseguiu um contrato com a Paramount, que pouco lhe rendeu, e, a seguir, um com a Columbia. Assim, surgiu o papel de Ned em «Holiday» e assim se abriram, de novo, as portas dos estúdios da Metro, para dar entrada a uma «estrela» de ontem, de todos esquecida, e a um «secundário» de hoje, que todos admiram.

RAÚL FARIA DA FONSECA

1490 — TYRONE POWER (Ermezin-de). — Robin aos Bosques e, de facto, um belo filme! — Tyrone Power vai aparecer em *Sangue e Areia*. Prepara-te para o ver, pois, sob o inesperado aspecto, dum ênio do Miter ou do Bienvenido.

1491 — PASSARO URBANO (Senhora da Hora). — Acho extremamente bizarro o teu pseudónimo. Menos bérmetico do que o anterior... — «O Estoril», esse meio autenticamente cosmopolita, onde nos sentimos rejuvenescer? Que ideia, Passaro amigo! Se talhar neste esse frase nalgum prospecto turístico... — Escreve sempre.

1492 — MADEMOISELE POMPA-DOUR (Lisboa). — «Se gosto do teu pseudónimo?» Gosto, sim. Mas lembra-me aquela montra do Chiado cheia de cintas e outras peças do vestuário, mais ou menos íntimas... — Transmiso as tuas saudações a Três cinéfilos 100 por cento.

1493 — UMA BAIRRISTA (Guarda). — Compreendo, perfeitamente, a tua alegria por o filme a que aludes haver sido exibido na Guarda antes de qualquer outro cinema do País. Demais a mais, tratando-se duma comédia tão agradável.

1494 — FLOR DOS ALPES. — Estou convencido de que a Madalena Soto será chamada a interpretar novos filmes. — *Lóbas da Serra* está pronto. — Quanto a *Um Homem do Ribatejo*, nada feito. O filme afogou-se nas últimas cheias.

1495 — MORENA DE OLHOS ESCUROS. — Não fazemos assinaturas do nosso jornal, por um mês. Podes escrever à Norma Shearer, em português, com o seguinte endereço: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Norma nasceu em Montreal (Canadá), a 10 de Agosto de 1904. — Esta leitora gostaria de corresponder-se com leitores da nossa revista. Mas, não te esqueças de me enviar o teu nome e morada, a fim-de que possa transmitir as cartas que me forem enviadas para ti.

1496 — MAFARRIQUINHO LOIRO (Lisboa). — Leonor de Eça morreu, há cerca de dois anos, pouco depois de ter concluído a sua actuação em *Pão Nosso*.

1497 — I LOVE LYDIA (Pôrto). — *Animatógrafo* não esquecerá os cinéfilos do Norte. A seu tempo daremos satisfação às vossas sugestões. — Este leitor gostaria de corresponder-se com *Uma Flor de Leão do Bailio*.

1498 — FRITZ JAMES (Lisboa). — Podes escrever à Gloria Jean para a Universal Pictures, Universal Studios, Califórnia. — A administração do *Animatógrafo* enviar-te-á os exemplares que te faltam. Podes mandar o dinheiro em selos do correio.

1499 — LOVE SICK (Pôrto). — Tomo nota de que, se estivesses na pele do Chaplin, nunca te divorciarias da Paulette... Qualquer de nós poderá fazer idêntica declaração, tanto mais que o facto a nada nos obriga. Transmiso as tuas saudações a *Princesa dos Diabretes*.

1500 — MYRNA. — Entre os dois nomes, talvez opte pelo *Darling*, porque soa melhor. — O que se passa com Myrna Loy tem, de facto, incontestável sabor. Há poucos anos, ninguém reparava nela. Agora, é tal o seu prestígio que até serve de capa misteriosa às leitoras que me escrevem... No que diz respeito à estrelas, o hábito também faz o monge: a Myrna, *vamp oriental*, dos bons tempos de outrora, era, afinal, a mesma encantadora mulherzinha que nós conhecemos agora, apenas vestida pelo figurino mongólico... Tenho cá uma carta dum leitor, para ti, com algumas fotos. Poderás indicar-me a forma de a remeter ao seu destino? — E não quero deixar de fazer votos por que, em 1942 o cristal a que aludi, na resposta passada, tenha a transparência do olhar dos justos.

1501 — UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA (Lisboa). — «Tinha intenção de nunca mais lhe escrever»... Dir-se-ia o começo duma carta de Soror Mariana para o Cavaleiro de Chamilly. Não, compatriota amiga. Farias muito mal se assim procedesses. Na secção do *Correio de Bel-Tenebroso* nunca se afixou o letrinho de «Lotação Esportada». Cabe sempre mais uma pessoa, tal qual como na plataforma dos eléctricos dos Prazeres (sem «double-sens...») — *O Monte dos Vendavais* é, de facto, um filme notável, pelo seu estilo, pelo seu tom, pelo seu tema e pelo seu equilíbrio. Raras são as obras com semelhantes características. Daí, e muito bem, a decisão do júri do *Animatógrafo* quando lhe atribuiu a *Taça*, referente a 1941.

1502 APAIXONADO PELA GRAÇA MARIA (Coimbra). — Já respondi à tua carta, que acolhi, aliás, como todas as que recebo, com a maior simpatia. — Não vale a pena, pois, responder às perguntas, que formulas de novo. — Transmiso as tuas saudações a *Doida por Música*.

1503 — KITTY (Lisboa). — Carlos da Silveira foi o director da revista «Stadiums». Nunca colaborou em jornais de cinema. — Tenho o maior prazer em receber-te nesta secção como ex-leitora de *Cine Journal*. — Transmiso as tuas simpáticas saudações a *Benjaminina*.

1504 — DINHAMÁ (Lisboa). — Que a música encantava as serpentes sabia eu. Ignorava, porém, os seus efeitos analgésicos, mormente sobre as dores de dentes. De futuro, receitarei *O Parolito*, para os queixais doridos e *O Strik up the band* para o reumático. — Qualquer dia verás no nosso jornal um Tyrone Power em tamanho jornal... — A foto da Dorothy que me mandaste teve o significado do repato cristalino para o caminhar do deserto...

1505 — UM ARCUENSE APAIXONADO (Arcos de Valdevez). — Se não repetes o pseudónimo, com melhor grafia, teria escrito: «um amanuense apaixonado», o que não dava precisamente o efeito desejado... — António de Souza não

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» R. do Alecrim, 65 — Lisboa

que merecia, pela simples razão de haver sido astreado no verão...

1511 — UMA PORTUENSE (Pôrto). — «Só muito bom aparecida! — Charles Boyer nasceu em Figeac (França) a 8 de Agosto de 1899. — Ray Milland viu a luz do dia em Neathy no País de Gales, Inglaterra, a 3 de Janeiro de 1905. — A administração enviar-te-á todos os números que solicitares, contra a remessa da importância respectiva em selos postais.

1512 — AS DE COPAS (Lisboa). — Para adquirires «o órgão quinzenal dos cinéfilos das Picoas» poderás dirigir-te a «Armando Bianco», ao cuidado da redacção do *Animatógrafo*. — Estou convencido que a *Benjaminina* que aparece no correio dessa revista cinematográfica de Marselha, não é a consuleta da nossa revista, muito embora o seu francês chegue e sobeje para se cartear com o próprio Charles Boyer. — Transmiso as tuas saudações a *Uma Portuguesa que não é trocista*, *Fly e Marquitta*, *Miss Século XX* e *Oliva Palito*.

1513 OSLEC (Pôrto). — Rebecca era, de facto, um filme magnífico, mas, por força do argumento, ligeiramente desequilibrado. A primeira metade podia considerar-se excelente. A segunda, apenas boa. *O Monte dos Vendavais* tinha, de facto, outro cuidado. — Os filmes de Bette Davis, começam, agora, a aparecer com regularidade nas telas portuguesas. Já não é sem tempo. Tanto Vivien Leigh como Laurence Olivier não vieram às suas carreiras, que estão apenas interrompidas.

1514 — MISS SÉCULO XX. — Achei a tua carta muito saborosa com os termos «caracóis» de que a polvilhaste, por influência de Mestre Gil Vicente, cuja obra estavas lendo. Ficaste surpresa por te haver escrito tão «azinhas»? Verdade seja que foste «léda» na resposta. — *O Ladrão de Bagdad* encontra-se, à data a que te escrevo, em exibição. E agora, já que gostas tanto de poesia, e te interessas pelos clássicos diz-me lá se conheces aquele «vilanete, que começa assim: «Descalça, vá para a fonte/Leonor, para verduras»...

1515 — DETECTIVE AMADOR (Ponta Delgada). — A tua carta chegou às minhas mãos, com um atraso de meses, verdadeiramente incompreensível! Dir-se-ia que andou à deriva, numa garrafa, sobre as águas revoltas do Atlântico... Pelo que me contas, tens alma de Sherlock-Holmes... Mas no caso que me diz respeito, não acertaste. É mais certa outra hipótese: Se vires à R. do Alecrim, encontrarás três: teu amigo, de farda azul com botões amarelos e um boné da cor do fato, com a trompa dos correios à maneira de distintivo... — Escreve, e manda sempre.

Bel-Tenebroso

BEL-TENEBROSO TEM 1.449 CARTAS PARA RESPONDER



A vida é um film... filmar é revivê-la, em absoluta realidade, eternamente....

Nada há que nos reiate o passado, com tanta realidade, com tanto interesse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro... Centenas de milhares de pessoas usam hoje os seus filmes e deles fruam os seus prazeres. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se esquecerem, que é o nosso desejo lembrar para todo o sempre...

Ciné-Kodak 8

O aparelho de filmar para toda a gente

KODAK LIMITED — 33, Rua® Garrett — LISBOA



A **SPAC** (Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas, L.^{da})
apresenta e distribui

O 2.º filme da **Produção António Lopes Ribeiro**



O PÁTIO DAS CANTIGAS

Um filme que vai dar um sentido novo à palavra POPULAR!

O MAIOR NUMERO DE VEJETAS
reunido até hoje num filme português!

Maria das Neves ♦ **Vasco Santana**
António Silva e **Ribeirinho**

com **Laura Alves** — **Barroso Lopes** — **Carlos Alves** — **João Silva**
Armando Machado — **Pereira Saraiva** — **Reginaldo Duarte**
Regina Montenegro — **Eliezer Kamenesky**

e ainda **Maria Paula** — **Graça Maria** — **António Vilar**
Carlos Otero — e a Vedeta da Rádio **Maria da Graça**

A vida alegre e sentimental do povo de Lisboa
contada por imagens, palavras e música!

Realização de **Francisco Ribeiro** — Música Portuguesa de **Frederico de Freitas** — Com uma canção mexicana de **Carlos Flores**, uma canção russa de **Kamenesky** e 3 sambas originais brasileiros

A estrear no EDEN, de Lisboa, no dia 16 de Janeiro, e no AGUIA, do Pôrto, no dia 19 de Janeiro

A FERIA DAS FITAS

Sangue e arena

(Blood and Sand)

Rouben Mamoulian é um dos realizadores americanos de mais talento e também um dos que pela irregularidade do seu trabalho, obrigam os admiradores a «estenderetes» de expectativa. Aguardávamos «Sangue e Arena» com uma certa reserva que aconselhava a irregularidade de Mamoulian e também porque desconfiávamos bastante da Sevilla americana, dos touros americanos e temamos que a nova adaptação do romance de Blasco Ibañez fosse abusivamente usada para uma especulação mais ou menos grosseira. Apresentação o filme constatamos com grande júbilo que os nossos receios não se justificavam.

Mamoulian grande admirador das coisas espanholas tratou a encenação de «Sangue e Arena» com verdadeiro carinho aproveitando como devia as condições de espectáculo que lhe oferecia a cor e a «festa brava», mas sem nunca perder o sentido profundo do romance de Ibañez, nem desafiando do tom elevado em que conduziu toda a obra. Evidentemente, passou com ligeireza e simplicidade sobre as situações mais artificiais da fabulação do grande romancista espanhol, trabalhou como profundo conhecedor a tourada e os seus bastidores e deu largas ao talento crítico que já conhecíamos de «Canta, Bandoeiro. Canta» transportando o espírito das páginas de doutrina do romance para algumas cenas fundamentais da fita. Dentre estas, uma a principal, queremos apontar como o relíquo que merece por ser aquela em que tudo se conjuga para dar o mais alto expoente de resultados: a cena em que Juan Gallardo (Tyronne Power) se veste para a primeira corrida em Sevilla, já depois de uma espada famosa. A inteligência de toda a direcção na construção do ambiente, a soma de meticulosos pormenores que concorrem para nos dar mais pelos sentidos do que pela inteligência que Juan Gallardo é ali um rei, um idolo, mas um rei que dentro de pouco tempo será subvertido pelos acontecimentos, a atmosfera de adulação, de inveja, de opulência e morte, pela magnífica colaboração do realizador, da colorista (Nathalie Kalmus), dos fatos e dos intérpretes, muito em especial de Tyronne Power — tudo concorreu para fazer dessa cena o melhor momento cinematográfico de «Sangue e Arena», uma passagem de autêntico, certo e exemplar Cinema.

A cor de Nathalie Kalmus emprega as imagens uma força notável pelo critério com que foi escolhida a sua tonalidade cáida, contrastada, torrada, digamos com exagero. Não se trata dum cor como a do «Ladrão de Bagdad», em beleza e em riqueza de tonalidades e magnificência. Da cor de «Sangue e Arena» resulta uma atmosfera de sensualidade, de paixão, de trovada sentimental. É uma cor eficaz!

O «golpe de cor» que é a passagem dos corredores sombrios para a praça

ANTOLOGIA

Léon Moussinac

(Continuação da 2ª página)

expressão, o que não acontece sem disputas e prejuízos) é indispensável, para fazer obra eficaz e prática, voltar à vida, porque é assim o Cinema como Arte; não se pode estudar essencialmente, lendo a sua história, mas sim e sómente observando a sua vida.

Existem já pressentimentos, concordâncias, alarmes de consciência. As afirmações evidentemente não faltam. Já existem algumas. Facilmente se descobriu outra nesta frase de Dominique Braga: «A imprensa... permitiu a difusão dum certa cultura que poderemos chamar história... mas as insuficiências desta cultura livreira começam a revelar-se. Graças ao Cinema vamos assistir ao desenvolvimento dum outra forma de cultura, moderna, e que podemos qualificar de geográfica».

Se as nossas sociedades não aceitam ainda estas realidades e se lutam se anunciam e se precisam é porque o espírito do indivíduo é inovador e a razão, da sociedade, conservadora. Não entanto, nós tocamos o mais profundo do problema com René Clair, porque ele coloca, dum só golpe, o cinematográfico no seu plano social, fora do que não há senão especulação intelectual: «Um filme só existe no écran. Ora entre o cérebro que concebe e o écran que reflete, existe uma organização industrial poderosa com as suas necessidades de dinheiro. E portanto vão prever existência dum cinema puro enquanto as condições materiais do Cinema não forem modificadas pelo espírito público não tiver evoluído».

(Conclui no próximo número)

no dia da grande corrida, a contribuição para a cena do trono de que atrás falamos, a seqüência da fuga nocturna do pequeno Juan Gallardo e o seu «improvislo» na cerca do «ganadero» são os melhores momentos da córa eficaz do filme. Merecem igualmente referência as vistas de «cór espectacular» que são as panorâmicas sobre a assistência das corridas, os grandes conjuntos da praça, e a taberna, principalmente durante o ballado de Rita Hayworth.

Aliás é exactamente nos momentos em que a córa dá a sua melhor ajuda para «apstar» dos olhos, que a encenação e o equilíbrio da obra se interioriza um pouco pela artificialidade do ambiente servilhamo, talvez, forçada, exactamente para cultivar essa atracção que a córa exerce.

Normalmente a fita é feita com muito mais «color» mexicano, do que com «raça» andaluz e o que no entanto é já muito bom para americanos e nem provocaria, sequer, referência se, no mercado da Sevilla que o pequeno Gallardo atravessa, nas cenas da taberna e na festa do pádio de Gallardo no vilheiro, não baixasse tudo do «color» mexicano para a beirinha da opereta Hollywood, via «Cucaracha».

E notável a interpretação de Tyronne Power. Cheio da sobriedade, característica só de um grande actor, não só representa o seu Juan Gallardo o héroe do sentido intenção de Blasco Ibañez, o que já é bom, como também com «raça» — éste, sim, com «raça» — impondo-nos a sua psicologia de toureiro em glória e em desastre, o que é ótimo. A majestade da cena do trono e a inquietação, o médo que ele só deixa transparecer, de todas as cenas do fim, bem como a boalidade e a ardência que dá às primeiras cenas da fita, conferem a esse trabalho mérito especial, bem distante daqueles «galalinhos» bonitos e lamechas que volta e meia o põem a representar.

Linda Darnell houve-se com muita simpatia na interpretação da mulher de Gallardo, e se o seu trabalho resulta por vezes insignificante, deve-se-lhe a justiça de dizer que essa insignificância era exactamente a que requeria a personagem para que tão acertadamente a escolhamos.

Rita Hayworth — a antiga Rita Canis — mexicana da genma; neta de espanhóis, filha de mexicanos e mexicanos ballarinos transportou para o seu trabalho uma ardência e uma convicção que, com alguma justiça, resultaram sensacionais, principalmente depois do seu ballado na taberna, tão bom que quasi fez esquecer a «sua» canção acompanhada à viola — que é tão má, depois daquele banquete «aristocrático» em que os «aristocratas» são, evidentemente, figurantes de Hollywood — o que e resulta medocre, só com uma nota verdadeira que é a de Tyronne Power saber comer falso com as mãos.

John Carradine, numa personagem muito episódica aparece com o costumeado acerto e classe.

O melhor para o público, porém, pelo menos aquilo que o entusiasmos foi a parte de documentário do filme: a magnífica «faena» de Armillita — que dobra Juan Gallardo nos conjuntos da corrida — e que, principalmente no capote, é notável.

A montagem da «faena» é a melhor que era possível nas circunstâncias, mas não é perfeita, ao contrário da opinião de muitos elementos do «sector 1 cinematográfico». Não é perfeita por que o equilíbrio dos planos empregados não está certo, nem os movimentos de ligação estão apanhados sempre no momento ideal. É, no entanto, o melhor possível porque, quanto ao equilíbrio, muitos ângulos e distâncias estavam condenados por não se poder empregar nem Armillita que se reconhecera, nem Tyronne que não sabia lutar; quanto ao momento exacto de ligação, o montador deve ter hesitado multa vez entre conservar a beleza do passe e do seu «rematar» — que é essencial — e o «remendo» do plano já muito aproximado e sem a presença do touro a sair.

Sempre que inteligentemente escolheu a primeira, a montagem não é perfeita, porque o momento de ligação de Armillita para Tyronne Power sofre uma fase de recuo. É, no entanto, a melhor possível, porque o entusiasmo provocado pelo passe, que, assim, conserva a sua beleza, faz esquecer tudo e o efeito resulta favorecido.

Deve registrar-se, também, a contribuição emotiva que o som dá a algumas cenas, quando fica a ouvir-se, distante, a alegria e o entusiasmo da multidão, enquanto os seus ídolos morrem ou rezam.

Lamentemos, por último, a infelicidade do rebaudado título português. O romance espanhol chama-se «Sangre y Arena». Os americanos respeitaram inteligentemente este nome com a sua tradução. Em Portugal nem traduziram, por «Sangue e Areia» como devia ser, nem procuraram um título original que parecesse mais sugestivo como «Touros de Morte», por exemplo, de que se serviu o tradutor do romance para português. Arranjaram uma coisa híbrida «Sangue e Arena» de que

podem, evidentemente, defender a legitimidade, porque arena é o circo em que se toureia, mas que não é bonito, cheira a misturada de espanhol com português, resulta difícil e não diz sentido nenhum perante a obra, principalmente perante aquela justificação que Mamoulian tão laboriosamente procurou, no último plano do seu filme. — F. G.

Falstaff em Viena

(Falstaff in Wien)

Eis uma comédia alemã com as suas inconfundíveis características.

Há alguns anos este género de filmes fez as delicias dos cinefilos de então. Nesse tempo era eu ainda um gaiato, mas recordo-me ainda muito bem do que ri com esses filmes. A pouco e pouco, porém, o cinema germânico orientou-se noutra sentida, buscou assuntos mais profundos, mais graves.

As comédias alemãs foram-se, o greito de as ver desaparecer e habituamo-nos aos espumantes americanos. Foi uma surpresa e uma grande satisfação para nós a visão de «Falstaff em Viena».

Bastante aperfeiçoado, tecnicamente quasi perfeito, muito mais arejado, «Falstaff em Viena» recorda-nos algumas das comédias de Carl Lamak. Há as mesmas figuras de farça, que diariamente topamos no meio da rua, no escritório, em qualquer ramo de actividade. São caricaturas grotescas, de traços grossos mas hábeis, que justamente pela sua fealdade, em confronto com figurinhas de opereta de traço fino e gracioso são como que o seu reverso.

O argumento baseado, segundo reza a legenda inicial do filme, na vida de Otto Nicolai, célebre compositor germânico não possui todos os requisitos necessários para um êxito artístico. Da vida de Otto Nicolai duvido muito que seja tudo aquilo. O compositor, foi, sim, um ótimo isco para chamariz. Nada mais. De resto, o que há, no filme, de Otto Nicolai? A sua existência, ingénua, impulsiva por vezes, mas apagada e desvalorizada que é constantemente esquecida pelo desejo que o autor teve de adaptar (Oh! Quando acabarmos as adaptações!) e criar para o cinema, tipos mais ou menos comerciais, mais ou menos convencionais, em situações inventadas na fúria devastadora da adaptação cinematográfica, que mundialmente e irremediavelmente pairará sobre os assuntos e sobre as figuras onde se descubra uma pegajinha para uma adaptação.

À volta da criação das «Alegres Comadres de Windsor», a melhor obra de Nicolai, inventaram-se umas personagens que ao invés da principal, Otto Nicolai, só o ofuscam e desvirtuam.

Esquecendo a intenção havida na produção do filme, encontramos-nos perante um espectáculo bastante agradável. Há umas figuras — as tais de caricatura — que são o motivo principal de êxito da obra. Paul Hörbiger, no Alfiata da Côte, é a primeira. Aribert Wascher no Pietro Ballochino é a segunda.

Estas duas personagens do filme são notavelmente interpretadas. Os dois artistas, com uma representação e uma marcação diferentes dos demais intérpretes, valém indiscutivelmente o filme.

Hans Nielsen em Otto Nicolai, Gustav Waldau e outros fazem, razoavelmente, o que podem.

Gusti Wolff, com um palmito de cara de boneca animada, uma boquinha quasi insignificante mas encantadora, canta e representa muito bem.

Do resto pouco mais há que dizer. O filme agrada porque é agradável e interessa porque tem interesse. — J. M.

O Ladrão de Bagdad

(The Thief of Bagdad)

Foi Pierre Mac Orlan, o autor incomparável do «Manual do Perfeito Aventuroso», quem escreveu acerca do fantástico: «O fantástico, tal como a aventura, não existe senão na imaginação de quem os busca».

E foi Louis Jouvet quem nos disse, naquela conferência do Teatro Nacional a que «Animatografo» tão largamente se referiu, quanto era indispensável a colaboração do espectador na ilusão teatral, colaboração tanto mais necessária quanto essa ilusão se aproximava da fantasmagoria.

O Cinema, não sabemos porque, perdeu o gosto pelo fantástico — que é, apesar de tudo, ainda o seu mais natural domínio. Será porque a multidão a que ele se destina perdeu o sentido subiu do irreal, à força de se debater contra a dureza das realidades?...

A verdade é que, sempre que surge, esporadicamente, um filme em que o fantástico adquire importância de primeira plana, o público acorre, interessa-se, e compartilha das emoções que lhe são oferecidas.

E certo que reclama, ao contrário da ingénua facilidade de outrora, um aparato excepcional de encenação e uma impecável precisão técnica. Em suma: Já lá não vai com duas cantigas.

Essa exigência provém, seguramente, do verdadeiro desbarato de fantástico, feito pelos desenhos animados desde a descoberta da córa. Walt Disney tornou dum pasmosa dificuldade a fantasia cinematográfica com gente viva. A sua possibilidade de pintar e assim dar noutros simples folha de papel tudo o que lhe passar pela cabeça, deu xeque-mate em todos o êmulos de Georges Méliès, primeiro mago da cinematografia.

Por isso mesmo são dignos da nossa admiração aqueles que, como Alexandre Korda, defrontam corajosamente o problema, quasi insuperável, de suportar, usando material humano, um confronto com qualquer Mickey ou com o mais comensinho Pato Donald.

Servida luxuosamente pela córa, contendo já com a normalidade da perfeição sonora, a segunda versão de «O Ladrão de Bagdad» constitui um espectáculo sberbo, cujo público favor entre nós muito anima o que tem à sua vontade a crítica do «Animatografo».

Falta-lhe, talvez, para os saúdos de Douglas Fairbanks, aquela fuga incomparável, aquela alegria transbordante que tinha a primeira versão, a silenciosa. Mas não há dúvida que consegue traduzir muito melhor, graças ao handicap do progresso técnico, a atmosfera própria das «Mil e uma Noites», a cujo inextinguível tesouro foram os argumentistas buscar o metal de bom quilate com que cinzelaram aquela autêntica jóia.

Não vale a pena falar dos conceituados imbecis que saiem do cinema a dizer que aquilo é uma fita para crianças. Basta relembrar o aforismo imprecível de Ramada Curto: «O mundo está cheio de merceiros que embirram com a imaginação».

Também não vale a pena analisar detidamente e minuciosamente um filme que é todo êle feito para se aceitar tal como é — ou para se rejeitar em cheio. Semelhante espectáculo está ou não está na capacidade receptiva de quem o vê, na sensibilidade de quem o aprecia — e pronto.

O crítico pode sentir-se na obrigação de dizer que os intérpretes representam bastante mal, que a música *scherezesca* trezanda a orientalismo de fancaria... O viajante poderia cometer a *gaffe* de botar vista, declarando que Bagdad é chata como a palma da mão e feia como uma

noite de trovões... O técnico poderia condenar o desproporcionado e imóvel boneco voador, inaceitável em filme de tal luxo.

Mas o amator de fantástico e de aventura, o cinefilo autêntico, sincero, não pode senão entusiasmar-se perante o maravilhoso do espectáculo — e o espectáculo, hoje raríssimo, do maravilhoso... A. L. I.

Tôda a vida

(Ein Leben lang)

A humanidade desta história é tão flagrante, está tratada com tamanho cuidado que esqueçemos a existência da ficção cinematográfica.

Paula Wessely, atriz extraordinária, é a principal intérprete deste filme. É o seu invulgar talento que agüenta o pesado fardo do problema moral e social de um caso de amor que serve de base ao argumento deste filme.

Mais uma vez o amor, tecido interzonal para muita obra cinematográfica, foi utilizado. É de que maneira...

Extraíram-lhe todos os fios românticos, as manchas lamechas e impróprias deixando-o em bruto, tal qual êle é. Ficou menos vendável, mas muito mais aceitável. A dedicação e o sacrifício da mulher que espera uma vida inteira que o homem que ama esteja liberto de tudo o que o afasta dela para que possam viver em completa liberdade a sua vida.

Gerhard Menzel como argumentista tratou o assunto com especial cuidado e atenção, mas como planificador errou.

Quis mostrar tudo o que imaginou para a sua história e nem ao menos os montadores Rudolf Schaaf e Arnriff Heyne tiveram a coragem de detear fora o que há a mais. Assim, somos obrigados a ver coisas que não interessam nada, como o desastre de Agnes que não adianta nem afirma coisa alguma da história.

O filme tem, porém, uma percentagem elevada de coisas boas.

Todas as cenas em Saint-Michel com exteriores lindíssimos, o encontro de Agnes com Hans na gare de Viena, o jantar dos dois em que Hans segreda a Agnes que é pai dum encantador bébé, a compra do brinquedo nos grandes armazéns, o baile em Budapeste e o *travelling* esplendidamente imaginado que dá a solução da cena, o encontro em 1922 quando Hans está paralisico, a revelação de Agnes da existência de um filho e o encontro final que é a salvação e o remate daquele grande amor.

Paula Wessely na personagem de Agnes soube vivê-la como poucas artistas a saberiam viver.

Não há um só momento em que a apanhemos em falso. É certa e consciente em todos os momentos e consegue estar quasi sempre em primeiro plano do principio ao fim do filme sem fazer nem abrocear.

Só uma grande atriz seria capaz de se sair tão bem dum tão ingrato papel. De Joachim Gottschalk já não podemos dizer tanto; tem momentos muito bons e tem outros médios e ainda outros maus. É bastante incerta a sua interpretação, porque o personagem é muito ingrato, e ali, ao lado de Paula Wessely com os altos e baixos da sua interpretação, valoriza e eleva a interpretação daquela.

Gustav Uecky realizou o filme com segurança e o seu trabalho resulta bem sob todos os aspectos. A marcação das cenas, o movimento dos figurantes, as deslocções da câmara, o bom gosto — mas não a poesia — da escolha dos enquadramentos dos exteriores na Húngria, contribuem grandemente para a alta categoria deste filme.

A reconstituição da época, tão feliz e tão perfeita, os fatos de Alfred Kunz, o comentário musical de Willy Schmidt-Gentner e outras demais coisas são muito boas neste filme. — J. M.

As Três Barcas do Mestre Gil

Céu

Purgatório

Inferno

Nesta Barca da Glória, que é o Céu, embarcarão todas aquelas obras ou pessoas que, por seus méritos cinematográficos, manifestados nos filmes da semana finda, alcançarem tal galardão.

Nu Barca do Purgatório serão expostos, para purgar suas culpas, aquelas coisas ou seres das fitas que, não merecendo os fogos do Inferno, tenham cometido qualquer peccado que lhes vede a entrada no Paraíso cinemático.

A Barca do Inferno será relegado, sem quartel, com muitas chufas e pancadas do remo do Diabo, seu barqueiro, tudo o que nem com a estadia no Purgatório se poderia salvar.

A prodigiosa interpretação de TYRONE POWER em «Sangue e Arena».

A realização de RUBEN MA-MOULIAN, no mesmo filme, servida por uma córa maravilhosa.

A cena do trono, insuperável pelo seu desenho psicológico e pelo poder da sua encenação.

A intenção especulativa de se afirmar que FALSTAFF EM VIENA se baseia na vida do compositor OTTO NICOLAI.

MESTRE GIL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 48276 / 41011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

PREÇO DAS ASSINATURAS
Ano 26500
Semestre 13500

Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, L. MITADA — L. Trindade Coelho 9-2.º (Telef. P. B. X. 27507), Lisboa

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

O cinema europeu resiste em tôda a linha!

30 filmes em montagem 18 em realização 33 em preparação

tal é o panorama actual do Cinema Francês

A actividade cinematográfica francesa depois do armistício tem tomado um incremento sempre crescente graças, por um lado, à orientação dada pelo Comité de Orientação da Indústria Cinematográfica tanto na zona livre como na ocupada, e por outro lado às facilidades importantes concedidas pelo Governo aos produtores. Como vai longe, de facto, já a época em que os produtores se viam em sérios embaraços para conseguir película virgem para os seus filmes ao mesmo tempo que o pessoal técnico faltava em quantidade suficiente e os estúdios escasseavam, utilizados para outros fins. Hoje as coisas parecem ter mudado completamente, alcançando a indústria um nível, de quantidade pelo menos, que se pode francamente comparar ao que antes da guerra se atingira em França e cujo balanço, rápido, que por certo interessará os leitores de «Animatógrafo», vamos dar a seguir, mencionando os títulos dos filmes em trabalho de montagem e em curso de realização.

Na zona não ocupada encontram-se nas salas de montagem os filmes: *Le Deux Timides*, *Les Hommes sans Peur*, *Depart à Zéro*, *Le Club des Soupirants*, *La Belle Vie*, *La Neige sur les Alpes*, *Le Soleil à Toulon*, *Une femme dans la nuit*, *Tobis est un ange*, *Retours*, *La Maison du Soleil*, *La Roue Tourne*, e *La Troisième Delle*.

Na zona ocupada encontram-se nas salas dos montadores os seguintes filmes: *Histoire de Rire*, *Fromont Jeune et Risler aîné*, *Nous les gosses*, *Péchés de jeunesse*, *Opéra Musette*, *Les jours Heureux*, *L'Age d'Or*, *Le Briséur de Chaines*, *Montmartre sur Seine*, *Ce n'est pas moi*, *Chèque au Porteur*, *Le Mariage de Chiffon*, *Fidèles*, *Annette la Dame Blonde*, *Roulotte de Paris*, *Patrouille Blanche*, *Le Mousaillon*. Ao todo trinta filmes, à maior parte dos quais tem sido a seu tempo feitas referências no nosso jornal.

Entre os filmes em curso de realização na zona não ocupada — Marselha e Nice — e na ocupada — Paris — estão cerca de 18 filmes.

Na zona ocupada os que têm por título *La Symphonie Fantastique*, interpretado por Jean-Louis Barrault e Jules Berry; *Andorra*, com Jean Chevrier, Jean Galland, Romoald Jaubé e Le Vigan; *Caprices*, com Danielle Darrieux, Albert Préjean, e Pascuali; *Ne Bougez Plus*, com Saturnin Fabre, Hélène Robert e Annie France; *Papa*, tendo por intérpretes Annie Ducaux, Aleno, Jean Max, Blanchette Brunoy, Pierre Dux e Leon Bellieres; *Le Prince Charmant*, com Lucien Baroux, Jimmy Gaillard, Robert Arnoux e Renée Faure; *Pension Jonas*, com

GARAT reaparece no «Criado Patrão» ao lado de E. POPESCO

Henry Garat, que foi, há uma dezena de anos o mais popular artista francês e um dos actores mais conhecidos em toda a Europa, cuja fama alcançou a América, tendo a Fox chegado a levá-lo para Hollywood, como o decorrer dos anos e com o desaparecimento das cine-operetas, passadas de moda na Europa, o intérprete inesquecível de «O Caminho do Paraíso» e de «As Ordens de Vossa Alteza» deixou de aparecer nos estúdios, com grande má-gua das suas admiradoras, em cujo número se achavam grande parte de portuguesas, que deram mostras evidentes da sua simpatia pelo galã quando este apareceu em pessoa no Ginásio, em que muita menina perdeu, literalmente, a cabeça. Que o digam Augusto Braga e Erico Braga, que de muito perto acompanharam a estadia de Garat no nosso país.

Para satisfação das suas fans que mantêm ainda por ele fiel admiração, diremos que Henry Garat está neste momento interpretando em Paris, para a Continental, o filme «Le Valet Maître», uma comédia de ambiente tipicamente parisiense em que ele tem a sua parte, como intérprete do principal papel feminino Elvire Popesco, a célebre romena que foi e deve ser ainda a coqueluche de Paris.

FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Zarah Leander

esteve em Itália interpretando «O grande amor» para a UFA

Terminadas as filmagens dos exteriores que a troupe da UFA foi realizar em Itália, começaram já os trabalhos de estúdio, em Viena, do filme «Die Grosse Liebe», que Rolf Hansen dirige e de que é protagonista a conhecida vedeta Zarah Leander, que a época passada vimos em dois filmes «Lar Bendito», e «Veneno dos Trópicos». «O Grande Amor», é o primeiro filme da nova época que Zarah Leander interpreta para a conhecida empresa germânica vivendo a figura duma artista de variedades que tendo sobre a vida, e a sua carreira, uma maneira de pensar antiquada, acaba por chegar a uma conduta moral mais em acôrdo com o nosso tempo. Os seus parceiros no filme são Victor Staal, Paul Hörbiger e Grethe Weiser. As canções que Zarah Leander canta no filme são da autoria de Michael Jary.

Grande actividade da UFA para atender a procura de filmes

Um dos aspectos mais interessantes desta guerra, para quem viaja pela Alemanha, é a assiduidade com que a população das grandes cidades frequenta os teatros e os cinemas. No estrangeiro, quando se abre um jornal alemão não é raro deparar-se num ou noutro anúncio dos teatros com a palavra «ausverkauft» que significa «toda os bilhetes vendidos». Nos cinemas, a mesma coisa. Apesar da escridão que reina nas ruas, como medida de prevenção contra ataques aéreos, as pessoas acotovelam-se nas bilheteiras dos cinemas, na esperança de conseguirem um bilhete, enquanto que no quadro luminoso que indica os preços dos lugares vai aparecendo sucessivamente a palavra fatal: «ausverkauft». Este entusiasmo do povo pelos cinemas, além de demonstrar uma grande seriedade em plena guerra total, só se pode explicar evidentemente com a boa qualidade dos filmes apresentados. O novo filme da Ufa «Heimkehr» (Regresso à Pátria), por exemplo, que tão aplaudido foi na «Biennale» de Veneza e em que Paula Wessely (que é de resto no teatro uma das melhores intérpretes da Joana d'Arc) realiza um dos seus trabalhos mais notáveis, ocasiona constantes enchentes nas três sessões diárias do «Ufa-Palast» de Berlim, que tem nada menos de uns 3.000 lugares. E como este filme é apresentado simultaneamente num outro cinema berlinense de 2.000 lugares, segue-se que o referido filme é visto todos os dias por mais de 13.000 pessoas. Um filme da categoria de «Heimkehr» ou de «Operette» (com que foi inaugurado o novo «Ginásio» de Lisboa) conserva-se no cartaz semanas inteiras sem que a assiduidade dos cinéfilos acuse a menor diminuição. Daí resulta o facto singular de uma empresa como a Ufa, e a mesma proprietária de 17 cinemas berlinenses, não ter, às vezes, uma sala livre para apresentar os seus próprios filmes! É o que sucede com as duas películas da Ufa «Anschlag auf Baku» (Atentado em Bakú) um filme sensacional e pablitante, e «Tanz mit dem Kaiser» (Dança com o imperador), em que Marika Rökk tem oportunidade de demonstrar uma vez mais o seu talento, enquanto que o seu outro filme «Frauen sind doch bessere Diplomaten» (As mulheres sempre são os melhores diplomatas), o primeiro filme colorido alemão de grande metragem, acaba de ser estreado com grande sucesso. A consequência imediata deste entusiasmo do público, talvez único nos anais da cinematografia, é a extraordinária actividade que reina em todos os serviços das empresas. A Affia, o laboratório de tiragem da Ufa, trabalha dia e noite com 600 pessoas na confecção de milhares de cópias de filmes para a Alemanha e para outros países da Europa. E nos 14 estúdios que a Ufa possui em Babelsberg e em Tempelhof (arredores de Berlim), trabalha-se em turnos na realização de sete filmes, já não falando das produções da Wien-Film, de Viena, que são igualmente distribuídas pela Ufa.

Nos dois restaurantes dos estúdios de Babelsberg não é raro encontrar-se, à hora do almoço, muitos dos mais conhecidos artistas e realizadores do cinema alemão, como sejam: Victor Tourjansky, que está preparando o filme «Illusion» com Brigitte Horney e Johannes Heesters, que desempenham ambos a «Ilusão» de um casamento feliz; Kristina Söderbaum, Eugen Klöpfer e Paul Klinger, que veremos num interessante filme dirigido por Veit Harlan e que tem por principais cenários a floresta da Boémia e a cidade de Praga, «Die goldene Stadt» (A cidade aurea), que é o título do filme; Zarah Leander, a grande artista que volta a apresentar mais um problema do amor no filme de Rolf Hansen «Die Grosse Liebe» (O grande amor); Paul Ostermayr, o realizador especializado em filmes de carácter regional, que está a trabalhar no seu novo filme «Violanta»; Werner Krauss, o eminente actor alemão, que encontrou no papel do arquitecto da catedral de Xanten, no Reno, mais um trabalho que se adapta à sua personalidade e que ele desempenha sob a direcção de Harald Braun no filme «Zwischen Himmel und Erde» (Entre o céu e a terra); Karl Ludwig Diehl e Karl Raddatz, que encarnam o espirito da disciplina militar no filme de Fritz Kirchhoff «Der 5. Juni» (O 5 de Junho).

E não será raro ver, entre os comensais dos dois restaurantes, a interessante Marika Rökk, para a qual a Ufa um novo filme no seu programa de 1941-42, ou ainda o conhecido realizador Geza von Bolvary que está a trabalhar na nova produção da Wien-Film para a Ufa «Schicksal» (Destino), com Heinrich George, Gisela Uhlen, etc.

Vemos, pois, que nos estúdios da Ufa reina mesmo mais actividade do que em tempo de paz, e que as empresas alemãs realizam em plena guerra um esforço gigantesco para abastecerem os cinemas de todo um continente com filmes de óptima qualidade artística e técnica.

A Suíça está a produzir 20 filmes

O cinema suíço, era, até há bem pouco tempo quase inexistente, utilizando por assim dizer o seu mercado cinematográfico, que tem de há muito uma importância enorme, a produção estrangeira, especialmente a francesa e a alemã. Há algumas semanas «Animatógrafo», a propósito do filme que Jacques Feyder dirigia naquele país, deu aos seus leitores uma amostra do panorama actual da indústria de produções de filmes na Suíça, por onde se via claramente o incremento que, se observava ali, já no movimento da realização de filmes, como no que respeitava ao aparecimento de novas empresas e a construção de novos estúdios.

Hoje, como complemento ao que então referimos, vamos dar algumas indicações mais sobre alguns filmes, dos vinte que neste momento se realizam em território Suíço, número que está suscitando a produção cinematográfica helvética, movimentando grandes capitais, e mobilizando elementos técnicos e artísticos. Além de «Oasis dans la Tourmente», e de «Une femme disparaît», o filme que Feyder dirige, e dos quais já falámos largamente, vamos hoje fazer referência a mais os seguintes: «La Patrouille Blanche», filme de grande envergadura glorificando os esquiadores militares suíços, filme que teve a direção do Dr. Stauffer, que é também o autor do «scenario» de colaboração com Marcel Bébé, ambos operadores especializados em filmagens de assuntos de neve. O argumento põe frente a frente patrulhas militares suíças com espíes internacionais que tentam apoderar-se de planos secretos relativos à defesa nacional helvética. Vem depois «Romeo et Juliette au Village», inspirado

numa novela célebre de Gottfried Keller, o qual tem Valerian Schidley por enenador e Mergrit Winter e Erwin Kohlund por protagonistas; «Der Doppelte Mathias und seine Föchter», tirado do romance de Meinrad Lienert, dirigido por S. Steiner e interpretado por Ellen Widman, Isabell Mohrer e Adolf Manz; «Das Mädchen Gitta», com a interpretação da dançarina suíça Gitta Horvath, cuja carreira coreográfica tem decorrido totalmente em França, onde o seu talento e a sua personalidade têm sido muito festejados. O filme, produzido pela Elite Filme, de Zurich, é feito em duas versões, francesa e alemã, sendo o argumento de Victor Lenz e a música de Hans Vogt, devendo nele Gitta Horvath, que recentemente interpretou «Le Bolero», outro filme suíço, dançar a «Dança do fogo», de Falla; «I ha en Schatz ghin», em dialecto do cantão de Appenzel, e interpretado por actores da região; «Al Canto del Cucu», dirigido por Max Hauser. E por fim «Oscar Bider, l'Aviateur», produção da Filmkunst, de Zurich. O «scenario» do filme, que é dedicado à memória daquele pioneiro suíço da aviação, é da autoria de F. Fafp segundo a obra de Otto Walter, sendo a direcção de Léonard Steckel. Robert Freitag, Ellen Widman, Albert Itten, na figura do célebre aeronauta francês Berliot, Les Ruckstuhl e Hertha Hegger, são os seus intérpretes.

Por sua vez a sociedade de Zurich, E. Probst anuncia a produção de quatro filmes, sendo um deles uma comédia, «Scheriens», interpretada por Rudolf Bernhard, tendo os outros três por título «Mistral Clau Maissen», «Der Berthoulet» e «Hans Waldmann».

Documento Z-3 é o título do novo filme de Isa Miranda

Poucas atrizes europeias se podem gabar de ter tido uma carreira tão fulgurante como a que marca a vida cinematográfica de Isa Miranda. Dactilógrafa numa casa comercial de Roma, quando Carmine Gallone a escolheu para primeira figura feminina de «Scipião», o Africano», espectacularo filme filiado na mesma escola que vinte anos antes deu origem a «Cabiria», «Jerusalem Libertada», «Marco António e Cleopatra», «Quo Vadis», e outros, popularizando em todo o mundo o cinema italiano, Isa Miranda iniciava com o pé direito a sua carreira no mundo do filme, que se devia estender também a França e aos Estados Unidos. De facto, depois de ter feito, em França, a versão falada da «Piedosa Mentira» de Nina Petrovna», que Brigitte Helm creara no cinema silencioso, a Paramount que acabava de perder Marlene Dietrich, apressou-se a levá-la para Hollywood na convicção de que poderia fazer dela uma «vamp» que substituisse a famosa intérprete do «Anjo Azul» no elenco de futuros filmes.

Contudo, apesar dos esforços empregados, da resistente campanha de publicidade movida em torno do nome da atriz italiana, os seus desígnios não tiveram completa satisfação. De facto, nem «Hotel Imperial», onde a sua actuação sofreu a fatal comparação com o trabalho de Pola Negri, ainda na memória de grande parte do público, nem «A Rainha dos Diamantes», insípida produção, lograram firmar o seu nome no cinema yankee nem suscitaram o interesse do público pela sua personalidade.

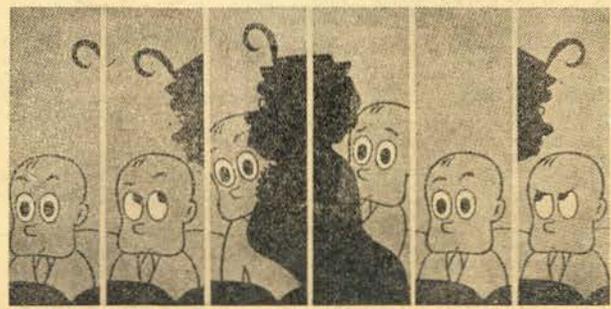
Isa Miranda, após alguns anos de estadia na Califórnia, regressou a Itália, para algum tempo depois voltar a trabalhar nos estúdios romanos, onde o seu nome não tinha ainda perdido o prestígio que, desde os seus primeiros trabalhos alcançara.

O realizador Alfredo Guarini é quem lhe dá a oportunidade de reaparecer no filme italiano, primeiro com «Senza Cielo», em que Fosco Giachetti, figura de relevo entre os actores cinematográficos italianos, o artista alemão Gustav Diesel e o conhecido «boxeur» Primo Carnera, com ela contraceneavam, e depois em «Ceduto una Donna», um filme em que Isa Miranda ao contrário do que lhe se cedera até então, abandonava os papéis de mulher mais ou menos fatal para viver simplesmente uma personagem profundamente humana.

Alfredo Guarini parece ter assegurado para si o exclusivo de dirigir Isa Miranda. De facto, é ele quem a vai dirigir uma vez mais num novo filme, uma história de espionagem que tem, como não podia deixar de ser, tratando-se dum filme que mete espões, os Balcãs por local de acção. Nesse filme, que tem por título «Documento Z-3», a formosa atriz italiana tem por parceiros Claudio Gora, Guido Notari, o actor espanhol Luis Hurtado, Tina Lattanzi e Amedeo Trilli. O filme está sendo realizado nos estúdios da F. E. R. T. por conta dos Artisti Associati.

Notícias de Itália

- IL MERCHANT DI SCHIAVE. O título realizado por Diélio Coletti, tem por intérpretes o actor alemão Hans Stüwe, que trabalha com frequência em Itália, Kataline Karady, atriz húngara, Luselle Bagni e Alfredo De Santis. Produção Colosseum.
- Esta mesma companhia tem em produção um outro filme LA FOLLA DI GIUDICE PASSMANO colaborado por húngaros, em que o realizador e os dois intérpretes principais são figuras muito conhecidas do cinema daquele país. László Kisch é o nome do realizador e Ferenc Kiss e Zita Szeselety os dois protagonistas. Tomam ainda parte os actores italianos Otello Toso e Elsa De Giorgi.
- Mario Mattoli é quem dirige, nos estúdios Titanus, o filme VOGLIO VIVERE COSÌ com Ferruccio Tagliavini, Carlo Campanini, Pia Tassinari e Carlo Micheluzzi por intérpretes.



Um filme emocionante (Desenho de Crockett Johnson)